

Lágrimas

A praça estava quase deserta, pois o sol, impiedoso, castigava quem ousasse caminhar por aquele chão de terra batida. O vendedor de água suava muito, mas não abandonava o seu posto, na esperança de que pudesse esvaziar a caixa de isopor assim que o ônibus chegasse.

João sentiu o vento levantando a poeira do sertão e protegeu, com a própria mão, os olhos tristes de Isabel. Eles estavam sentados no banco, bem em frente ao coreto, aguardando a única lotação que, diariamente, levava os sonhos e trazia as decepções de um povo sofrido.

O silêncio envolvia o jovem casal, que era abençoado pela imagem de pedra do Padim Padi Ciço, como dizia Dinha, a querida avó materna de João. Aliás, ela não gostava de ser corrigida. É Padre Cícero, vó! Eu sei meu fio! Assim como o sertão, ela nunca mudaria, mesmo porque ali todos acreditavam no Padim Padi Ciço.

Ao ouvir o som do motor, João levantou e pegou a sua pequena mala, uma trouxa de roupa. Isabel abraçou o marido fortemente, como se nunca mais fosse soltar. Ele, por sua vez, deu um beijo carinhoso, enquanto o ônibus estacionava. Olhos nos olhos, não tinham a certeza de que aquilo era, realmente, o melhor para suas vidas.

Olha a água gelada! Gritou o vendedor e os passageiros abriam as janelas. Em poucos minutos o estoque acabou, assim como esgotou o tempo de João e Isabel. Será que todo aquele sacrifício valeria a pena? A decisão estava tomada: ele iria para o sul e, quando tivesse condições, mandaria buscar Isabel, juntamente com as crianças.

Ninguém desceu do ônibus... Isso era um bom sinal, pois o retorno de pessoas desiludidas pela busca frustrada de um lugar melhor, longe dali, sentenciava o destino daquele povo. Enquanto o motorista preenchia a passagem, João enxugou a lágrima que marcou o rosto de Isabel. Ela não disse uma única palavra. Talvez não tivesse forças... Talvez não concordasse... Mas resignou-se e, quando ele ameaçou falar algo, ela fechou-lhe os lábios com um beijo. Estava na hora de ir...

João fez o sinal da cruz e entrou no ônibus que o levaria para o desconhecido. Escolheu um lugar na janela. Não havia ninguém ao seu lado. Ele viajaria solitário, numa demonstração de como seria a sua vida dali para frente. O vidro fechado separou os mundos de Isabel e João. Ela acenava, enquanto suas lágrimas, como um rio, molhavam a terra seca. Ele, por sua vez, mantinha o olhar fixo na esposa, porém a rudeza do homem do sertão impediu que seus olhos derramassem uma única gota.

Um rastro de poeira foi o que restou. Isabel benzeu-se na frente da imagem do Padim Padi Ciço e retornou para casa, duvidosa do seu futuro, mas com a certeza de que, mesmo difícil, a vida continuaria para ela e para as crianças. Muitos que deixaram o sertão não voltaram. Isabel teve lágrimas para chorar enquanto acreditou no retorno de João.

Hoje, ela não chora mais...

Vitor Fernandes